

Xadrez nas nuvens

Os usuários do Grindr podem ficar tranquilos. O governo dos EUA tornou os usuários do aplicativo de encontros mais popular do mundo para pessoas gays, bi, trans e queer salvos de chantagens em potencial pelo Partido Comunista da China (PCC). No final do mês passado, o Comitê de Investimentos Estrangeiros nos Estados Unidos (CFIUS) exigiu que a Beijing Kunlun Tech, uma empresa global de jogos e tecnologia e atual proprietária da Grindr, vendesse a unidade de aplicativos móveis em uma liquidação.

Autoridades dos EUA citaram preocupações de que informações confidenciais coletadas pelo aplicativo – status de HIV, orientação sexual, idade – possam comprometer usuários do Grindr (alguns dos quais são oficiais do governo e militares ou tenham autorização de segurança civil), possivelmente tornando-os vulneráveis a “lançamentos frios” pelo governo chinês para espionar os Estados Unidos.

O caso Grindr é apenas uma das várias disputas geopolíticas recentes sobre a tecnologia digital. Os fundos de pensão da Califórnia e do Estado de Nova York estão enfrentando pressão do Comitê de Relações Exteriores do Senado para se desfazer da Hikvision, a maior empresa de vigilância do mundo. A firma, sediada em Hangzhou, está sob os holofotes sobre relatórios de que é uma fornecedora líder dos “centros de treinamento em educação vocacional” da China na região de Xinjiang, onde cerca de 1 milhão de uigures estão confinados.

Os fundos de mercados emergentes da Goldman Sachs, Fidelity, Fullerton Global e vários outros bancos de investimento já retiraram seu dinheiro da Hikvision, mas as autoridades americanas estão tendo menos sorte em sua campanha para deslegitimar outra potência chinesa: a Huawei. Maior fabricante mundial de equipamentos de telecomunicações por participação de mercado, a Huawei é uma importante fornecedora

global de tecnologia 5G. Está também, argumentam os críticos, trabalhando de braços dados com o PCCh, fazendo com que qualquer governo ou país que use seus equipamentos seja vulnerável aos olhos curiosos da China.

No final de 2018, o governo canadense, após ser pressionado pelos Estados Unidos, prendeu Meng Wanzhou, diretor financeiro da Huawei, sob a acusação de violar as sanções americanas contra o Irã. Ela permanece em prisão domiciliar em sua mansão em Vancouver, aguardando extradição para os Estados Unidos. O governo Trump também ameaçou repercussões para os países europeus que buscam modernizar sua infra-estrutura de telecomunicações com a tecnologia Huawei, enquanto o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, um dos principais beneficiários do financiamento do governo, cortou recentemente laços com a Huawei. No entanto, a empresa sediada em Shenzhen ganhou um recorde de US \$ 9 bilhões em lucros no ano passado e aumentou sua receita em todas as regiões do mundo.

Alguns observadores das recentes manobras do CFIUS os consideram instrumentalmente, como parte da guerra tarifária mais ampla entre as administrações Trump e Xi. Outros falcões mais clássicos, incluindo Robert Lighthizer, representante comercial dos EUA, argumentam que as autoridades americanas devem despertar para os perigos geopolíticos em um mundo onde os Estados Unidos não são mais o líder incomparável da esfera digital.

Independentemente das razões exatas por trás das recentes decisões do CFIUS, a crescente tensão geopolítica sobre a tecnologia é mais uma manifestação da reorganização caótica e incerta resultante da crise global do neoliberalismo. As batalhas pelo futuro digital refletem a luta das elites norte-americanas, atualmente liderada por Trump, para reescrever as regras do capitalismo global para adequar as prioridades políticas em casa, em meio ao desencanto generalizado com o status quo da Terceira Via.

No período pós Segunda Guerra Mundial, os formuladores de políticas americanos foram capazes de ajustar os acordos internacionais para favorecer as corporações norte-americanas e garantir a dominação geopolítica dos EUA em relação à Europa e ao Sul Global. Mas o caso da Huawei, em particular, demonstra a crescente incapacidade dos funcionários dos EUA de “colocar o gênio da expansão econômica chinesa de volta na garrafa da dominação dos EUA”.

Após décadas de discussão e dedicação, parece que o “século asiático” está chegando. Usando dados do PIB / PPP do Fundo Monetário Internacional, o Financial Times descobriu que as economias asiáticas (conforme definido pela UNCTAD) “serão maiores do que o resto do mundo combinado em 2020, pela primeira vez desde o século XIX”.

A China é hoje a maior economia do mundo (medida pela paridade do poder de compra), com 19% da produção global.

Isso não significa que os Estados Unidos estão desaparecendo ou que veremos um retorno ao século XVII, com a Europa como um ponto no mapa econômico global. Os EUA ainda se orgulham da maior economia do mundo medida pelo valor de troca do mercado, e a diferença de renda per capita entre a China, a Índia e o Ocidente continua bastante grande.

Mas o que está se solidificando é um novo e poderoso centro de poder em uma economia global profundamente integrada. A China tornou-se uma força motriz da expansão comercial e econômica, particularmente no emergente reino digital.

O resultado é que as conversas e preocupações sobre a tecnologia digital e o papel dos smartphones, aplicativos, dados pessoais, algoritmos, etc. foram recriados em um proverbial tabuleiro de xadrez geopolítico. Conversas e preocupações sobre o poder das empresas de tecnologia e governos para moldar o cenário digital emergente são reconfiguradas como peças em uma disputa global de segurança

nacional e hegemonia econômica e militar.

Essa tendência é mais forte nos Estados Unidos, cujo poder depende em grande parte de suas forças armadas – sua extensa rede de bases militares e, cada vez mais, sua capacidade de realizar “vigilância em massa onipresente” em escala global. Ao reescrever questões sobre o futuro da tecnologia digital como questões de segurança nacional, o governo dos EUA ganha ainda mais poder para controlar a direção do reino digital.

Assim, enquanto nos sentimos mais seguros na noção de que as forças de inteligência dos EUA estão protegendo os usuários do Grindr da possível espionagem por estrangeiros, a reformulação de questões tecnológicas como questões de segurança nacional pode ser profundamente incapacitante na luta por uma verdadeiro *comunidade* digital.

Tanto a China quanto os Estados Unidos estão construindo estados de vigilância em uma escala sem precedentes, com implicações terríveis. Ambos fortalecem os monopólios modernos, cujas plataformas, hardware, software e aplicativos são a infra-estrutura da vida política, econômica e social moderna – infraestrutura que não está sujeita ao controle democrático.

Na luta pela hegemonia global – uma luta em que o controle sobre o mundo digital será central – espera-se que as pessoas comuns assistam do lado de fora, abandonando o poder sobre a estratégia e a direção para os funcionários do governo e titãs da tecnologia.

Mas uma visão progressista é impossível sem controle democrático sobre a esfera digital. É hora de entrar no jogo.

Original: [Jacobin Magazine](#)